

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo *despertar*

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

DEZEMBRO 2016

€1.25

Nº 172/173

O QUE VAI NASCER É SANTO E SERÁ
CHAMADO FILHO DE DEUS

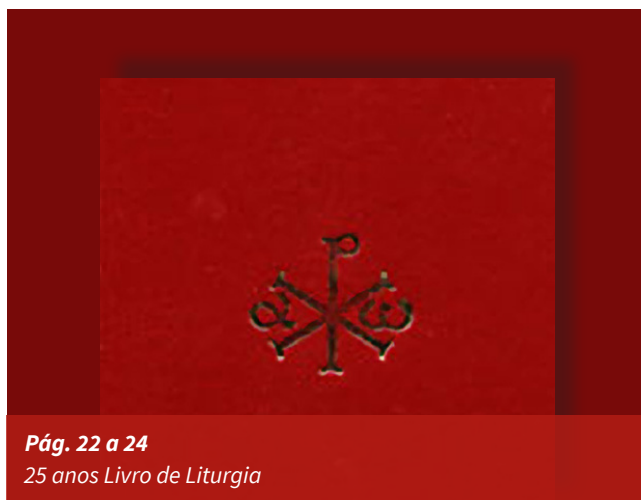
LUCAS 1,35

Destaques nesta edição



Pág. 15 a 18

Presidente da República visita Catedral de S. Paulo



Pág. 22 a 24

25 anos Livro de Liturgia



Pág. 25

500 anos da Reforma Protestante



Pág. 28 a 31

Narrativas da Natividade de Jesus

Assine já! O Novo Despertar digital

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.

faça um gosto: www.facebook.com/igreja-lusitana



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Comunhão Anglicana **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** Raquel Teixeira, Brígida Arbiol, Teresa Braga, Paulo Marcos, Reverendo José Manuel Cerqueira, D. Fernando da Luz Soares, D. Humberto Maiztegui Gonçalves, José Sequeira, Diogo Fernandes, Luzia Silva, Graziela Matos **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP) **Fotografias da visita do Presidente da República:** Carlos Ruiz



O Natal das novas oportunidades

D. Jorge Pina Cabral

O Natal de Jesus Cristo inaugura um tempo novo e repleto de novas oportunidades e realizações na vida de cada homem e mulher e no caminhar da humanidade em geral. Vencendo distâncias e aparentes barreiras e assumindo totalmente a nossa condição humana em Jesus Cristo, Deus traz-nos o Céu à terra e os limites são ultrapassados, a eternidade irrompe no tempo e o inimaginável torna-se realidade perene. Em Cristo, novo Adão e primogénito tudo é recriado à luz do Amor divino.

Jesus Cristo o dom que nos vem de Deus, liberta-nos das amarras do pecado e abre novos horizontes e possibilidades de realização e de convivência humana e divina. Plenamente humano, Cristo Filho de Deus, revela-nos na sua vida, morte e ressurreição a nossa vocação mais profunda para a santidade. Em Cristo, Deus caminha connosco, para que as dificuldades sejam superadas, os limites ultrapassados e os sonhos realizados.

Na preparação do mistério de Natal de Jesus as impossibilidades humanas começam a ceder perante o projeto divino; José homem justo recebeu Maria como sua esposa apesar desta se encontrar grávida pelo poder do Espírito Santo (Mat. 1, 24). Isabel apesar da sua muita idade fica grávida (Luc. 1, 41) e Maria sendo virgem dá à luz um menino chamado Filho de Deus (Luc. 1,35). Surpreendentemente, o menino nasce em Belém, terra menor entre as terras principais da Judeia (Mat. 2,6), pequena vila onde nada de grande era expectável. E surpresa das surpresas, os pastores que eram os últimos e os pobres daquele tempo e que nem sequer eram considerados dignos de irem ao templo para cultuar, são os escolhidos para acolher em primeira mão o anúncio do nascimento de Jesus e irem visitar o menino deitado na manjedoura (Luc. 1,8-16).

Para Deus não há nada impossível (Luc. 1,37). Na sua pedagogia e amor divino é Deus que tudo prepara e propõe nunca se impondo. Cabe-nos acolher confiando; «Servirei o Senhor como ele quiser. Seja como tu dizes» (Luc. 1,38). Deus faz então do tempo da nossa vida, o lugar de novas, belas e surpreendentes realizações. O Natal de Jesus potencia novos nascimentos e o seu nascimento requer também o meu nascimento na abertura à sua pessoa e à sua vida.

Num tempo de aparentes impossibilidades, de resignação e de conformismo com um rumo histórico marcado em muitos sítios com a tragédia da guerra e da destruição levada ao extremo, celebrar o Natal de Jesus, confere-nos uma vez mais o justo sentido da esperança que não desarma perante o reiterado pecado do homem. É contrária à essência do Natal de Jesus, uma visão desesperançada e muitas vezes apocalíptica do mundo.

O mais profundo e completo ato de fé na humanidade e no seu caminhar é dado precisamente por Deus, quando, «sem rede», se oferece ele próprio menino e se coloca nas mãos de uma jovem virgem. Este acreditar de Deus em nós que o Natal sempre nos revela ajuda a perceber e a valorizar o imenso potencial de amor e de paz que todos possuímos. O Deus connosco, o Emanuel, é o fundamento de uma humanidade renovada e chamada sempre a novas realizações.

Um Santo tempo de Natal e um feliz Ano de 2017 para todos

+ Jorge



«Deus é amor: aquele que vive no amor vive em Deus, e Deus n'ele» 1 João 4,16

22.º Campo de Férias do DMIL

O departamento de mulheres da Igreja Lusitana concretizou mais uma semana de férias direccionada aos menos jovens mas apenas na idade, num tempo ameno e soalheiro que muito contribuiu para o bem estar dos participantes. O grupo era composto não só por membros da Igreja mas também por amigos que habitualmente premeiam o DMIL com a sua presença. Apesar dos inscritos não serem em grande número, muitas foram as visitas que passaram pela Caparica durante a semana, para rever os amigos e “matar” saudades do bom convívio que se gera entre todos nestas férias.

O hotel localiza-se a poucos quilómetros de Lisboa, próximo da praia e fica integrado num parque arborizado e em terreno plano, o que facilitou o dia-a-dia dos participantes na deslocação dos aposentos para o restaurante e bar. Apanhar sol nas espreguiçadeiras da piscina também fez parte dos dias, mas mergulhar na água da piscina foi só para alguns. Na Capela ali existente, realizou-se diariamente a Oração da Manhã, com momentos de louvor, oração e partilha sobre as leituras do dia. O tempo previsto foi sempre ultrapassado, não dávamos pela sua passagem porque nos sentíamos muito abençoados pela comunhão entre todos.

No domingo, dia 18, durante a tarde celebrou-se a Santa Eucaristia, sob a presidência do Presbítero Barros Banza que foi acolitado pela Diácona Raquel. O tema «Deus é amor: aquele que vive no amor vive em Deus, e Deus n'ele», foi reflectido durante a homilia e revelou belos momentos de inspiração divina. No final do culto, a presidente do DMIL distribuiu por todos os presentes uma recordação do campo de férias, que como já é de tradição, foi feito pela “nossa” Laidinha.

No dia do passeio viajamos por cima dos carris em pleno areal das praias da Caparica, foi um desafio aceite de imediato. Com alegria caminhou-se até ao comboio. Durante a viagem, quais «crianças» felizes eram muitos os sorrisos. A paisagem era maravilhosa e de tal maneira absorvente, que nem houve queixa dos solavancos do comboio. As gaiotas aguardavam a chegada dos barcos de pesca e ao avistá-los partiam ao seu encontro a toda a pressa.

Depois, o lanche na esplanada e a contemplação do pôr-do-sol sobre a praia, completaram uma tarde extraordinária, com muita gratidão pelas maravilhas da natureza. Houve tempo de relaxar, tempo de confirmar amizades e tempo para a caloira Matilde que foi “vítima” da praxe do DMIL.

O Fernando, juntamente com outros jovens adultos portadores de deficiência, faz parte da Associação Elos que estava em férias pela Inatel num programa de inclusão pela diferença. No dia do seu aniversário, os monitores convidaram-nos para a sua festa, e partilharmos esses momentos com eles. Decidimos então cantar dois cânticos, pequeninos acompanhados de expressão gestual. Deixamos registado que foi o ponto mais “alto” da semana de férias. A sua simplicidade, os sorrisos, as suas palavras, o modo como repetiam os gestos connosco, a emoção nos olhos dos que com eles trabalhavam, foi uma enorme prova de Amor.

*“Tão perto de mim! Aleluia!
Que até Lhe posso tocar! Jesus está aqui!”*

E foi assim que todos terminamos as nossas férias. Até um dia, talvez para o ano se Deus quiser.

Raquel Teixeira



«O Senhor é a minha luz e a minha salvação, nada temerei» (Salmo 27,1)

Uma vivência de espiritualidade

Desloquei-me a Madrid juntamente com a nossa irmã em Cristo Matilde Fernandes, em representação do DMIL, ao Encontro Nacional de Mulheres da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, de 9 a 11 de Setembro de 2016 com o tema “O Senhor é a minha luz e a minha salvação, nada temerei” Sl 27.1. Foi a minha primeira experiência do género já que este é também o primeiro ano que pertenço à direcção do DMIL. Uma experiência enriquecedora de uma espiritualidade e partilha sensoriais. Momentos que me marcaram imenso, quer pelo conteúdo religioso quer pela relação humana que marcou e particularmente sentida nos momentos de oração, nos debates e nos convívios de lazer.

Os temas debatidos são comuns a todas as sociedades tendo-se abordado o abandono e maus tratos de crianças, violência doméstica e carências alimentares. As mulheres espanholas são muito trabalhadoras e atentas aos problemas que rodeiam as suas comunidades, nas quais a igreja tem um papel muito importante. Só tenho agradecer a oportunidade que me foi dada e tudo o que dela tirei, tendo consciência que representei como melhor sabia, a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica. Tudo isto em nome do Senhor.

Teresa Braga

Encontro nacional do DMIL

Realizou-se a 19 de Novembro de 2016 na Paróquia de S. Paulo, em Lisboa, o Encontro Nacional do Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana (DMIL). Estiveram presentes representantes dos dois arcepresbiteros. O dia começou bem cedo para as mulheres do norte, que num grupo de doze viajaram de comboio. Uma nova experiência bem conseguida primando pela pontualidade que este modo de deslocação exige. O encontro iniciou-se com um momento devocional orientado pela Diácona Raquel, seguido de almoço comunitário. Pelas 14.30 horas começaram os trabalhos agendados. A presidente do departamento falou sobre as actividades realizadas

e apresentou as previstas para o próximo ano com especial evidência a comemoração dos 25 anos do DMIL. Seguiu-se o workshop do bolo bíblico. Actividade muito interessante, uma vez que se torna necessário descobrir os ingredientes para a confecção do mesmo, através da leitura de alguns versículos da Bíblia. Depois executou-se o bolo e no final degustamos o mesmo num reconfortante lanche. A sessão terminou com entoação alegre de vários cânticos. Passou-se um dia fraterno e gratificante, sentindo-se a presença do Nosso Bom Deus.

Brígida Arbiol



Exposição «A vida de Jesus»

No passado dia 24 de Novembro de 2016, pelas 21:00, teve lugar, em Castanheira do Ribatejo, a cerimónia de comemoração do 15º aniversário da Biblioteca Pública Fernando Gomes de Sousa, organizada pela Junta de Freguesia de Castanheira do Ribatejo e Cachoeiras.

Esta cerimónia contou com a presença do Presidente da Junta de Freguesia e a restante equipa do executivo, bem como com a participação da Igreja Lusitana, paróquia de S. Tomé, através da inauguração duma exposição de quadros pintados a óleo por Leonel Ferreira, membro da igreja e da Junta Paroquial de S. Tomé. A exposição teve como tema “A Vida de Jesus”. A razão de ser desta exposição, nasce da constação feita pelo autor, de que muitas pessoas têm a bíblia em casa mas desconhecem a sua mensagem dado que não a leem. Procurando colmatar este desconhecimento, Leonel Ferreira juntou o texto bíblico à pintura, já que cada

quadro correspondendo a um episódio marcante da vida de Jesus apresenta também a respetiva legenda baseada na narrativa bíblica correspondente.

A exposição aberta ao público, é já a 12ª de Leonel Ferreira, e constitui em si mesma um vibrante testemunho de um homem crente que guardando a bíblia no coração procura partilhar com os outros este tesouro. O último quadro da exposição apresenta uma família reunida à volta dos textos da sagrada escritura e coloca uma questão ao visitante que contém já uma resposta de fé; uma família feliz porquê? Porque oram a Deus e leem a bíblia todos os dias. A comunidade da paróquia de S. Tomé esteve presente em sinal de companheirismo e procedeu à entoação de 3 cânticos alusivos ao tema: “Todos devem conhecer quem Jesus é”, “Jesus é a Luz o Caminho a Verdade e a Vida” e “Calmo, Sereno e Tranquilo”.



Testemunho de Fé



Leonel Ferreira, tem 83 anos, é casado com Maria Irene, e tem 3 filhos: o Paulo Marcos a Isabel Rute e a Ana Margarida. Mora em Castanheira do Ribatejo e é membro de longa data da Igreja Lusitana e da Paróquia de S. Tomé. Em conversa com este nosso irmão, registámos o seu testemunho:

«Um dia, tinha eu já 16 anos, numa altura em que estava desesperado com toda aquela situação em casa, criada principalmente pela minha madrastra, mais o facto de desde os 15 anos estar doente dos pulmões e não poder trabalhar, pensei em fugir e desaparecer. Fugi e fui parar ao jardim de Vila Franca de Xira. Estava muito nervoso e sem saber o que fazer mas de repente, no meio daquele desespero todo senti uma grande calma, estranha e indescritível. Resolvi voltar para casa mas não sei porquê (agora sei!) em vez de ir pela rua normal, dei por mim a seguir pela rua onde existia a Igreja Evangélica. Eu nessa altura nem sabia que havia ali uma igreja e, ainda por cima, uma igreja Evangélica.

Foi então que a meio da rua ouvi cantar e parei para ouvir. Era uma música tão bonita, com vozes de crianças a cantarem hinos, que encheu o meu coração, mais uma vez, com uma sensação estranha e inexplicável. Foi então que apareceu um senhor (nunca mais me esqueço disto), que saiu da igreja, e me disse: “Olha, entra e vem ouvir a Palavra de Deus”. Eu entrei e sentei-me no último banco para escapar na primeira oportunidade. Estava na hora da Escola Dominical, que decorria antes do culto, entre as 10h e as 11h, mas eu estava desejoso de me ir embora pois não conhecia aquele meio e era tudo estranho para mim. Na Escola Dominical estava o David, filho do Dr. Luís a contar uma história da Bíblia enquanto o José Júlio, aquele que era toureiro, desenhava com giz de várias cores. Eu tinha andado com ele na 1ª classe e não tinha grande jeito mas ele tinha uma habilidade excepcional para fazer qualquer desenho. Eu só não saí porque estava com atenção a tudo aquilo.

Só que entretanto começaram a chegar muitas pessoas para o culto e já não tive forma de sair. Não tive outro remédio senão assistir a toda a reunião. Foi aí que comecei a perceber que aquilo que eu tinha sentido e que me tinha levado até ali estava relacionado com Jesus. Ouvi o Dr. Luis Pereira (que eu nessa altura não conhecia) a falar de Jesus e de Deus e eu nunca tinha ouvido aquelas palavras. Depois de ter ido embora, senti necessidade de lá voltar, e foi assim que aos Domingos comecei a frequentar a Igreja de S. Mateus. Eu sentia-me bem na igreja e compreendi que tinha sido Ele que me tinha levado até ali, evitando que algo de mal me pudesse acontecer.

A partir dessa aceitação de Jesus na minha vida eu comecei a orar. Geralmente até ia um quarto de hora mais cedo para a igreja, para orar, pois era na igreja que me sentia bem. Hoje eu sei e muitos sabem que Jesus está em todo o lado e podemos orar em qualquer lado, seja onde for, mas naquela altura era na igreja que me sentia bem a orar. E desde essa altura até agora Jesus tem sido o meu grande companheiro.”

Visita à Igreja da Irlanda

Celebrar a História com o compromisso na Missão



A convite do sr Arcebispo de Dublin, Reverendo Dr Michael Jackson, o Bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral visitou de 11 a 14 de Outubro passado a diocese Anglicana de Dublin e Glendalough.

A visita enquadrou-se no 800º aniversário (1216-2016) desta diocese irlandesa e permitiu estreitar os laços históricos que unem as duas Igrejas e que remontam já ao final do século XIX concretamente ao ano de 1881 quando um comité de três bispos irlandeses foi constituído para prestar supervisão episcopal às

recém-criadas Igrejas em Espanha e Portugal. O programa desta visita foi cuidadosamente preparado e permitiu um contacto estreito com diversas realidades do trabalho de Missão realizado pela Igreja Irlandesa.

No início da sua visita, D. Jorge participou no Sínodo comemorativo do 800º aniversário das dioceses unidas de Dublin e Glendalough, no decorrer do qual teve a oportunidade de fazer uma retrospectiva da história comum entre as duas Igrejas apresentando também visões para um caminhar conjunto de missão no tempo presente. Como sinal de companheirismo e de unidade, ofertou ao Arcebispo Michael Jackson e em nome da Igreja Lusitana uma bonita salva de prata celebrativa da efeméride.

No decorrer da semana, o bispo da Igreja Lusitana oficiou em diversas celebrações eucarísticas, sendo de referir a celebração para as escolas e liceus da diocese que decorreu na Catedral de Christ Church e a colação do novo capelão anglicano no Trinity College de Dublin. Teve ainda a oportunidade de visitar a Igreja de St. Kevin's na vila de Hollywood, uma bonita Igreja do século XVII na qual os peregrinos recebem a bênção no seu caminho para o mosteiro de St. Kevin's em Glendalough («Glenn Dá Loch» – «o vale dos dois lagos»).

O convite feito ao Bispo Lusitano foi também extensivo ao Bispo da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, D. Carlos Lopez Lozano que esteve presente. Ambas as Igrejas ibéricas comungam de uma mesma história de relação com a Igreja da Irlanda.



A Igreja Lusitana e a Igreja da Irlanda encontram-se atualmente a desenvolver trabalho de Discipulado Intencional. No âmbito da visita episcopal houve tempo para a partilha de projetos e de experiências que estão a ser desenvolvidos nas duas Igrejas nesta área de Missão. Na diocese de Dublin e Glendalough, 2016 é o ano do «Come & C» /«Venham Ver» (S. João 1,39). A iniciativa é designada para preparar as pessoas para o discipulado e aprofundar a compreensão da sua própria fé. «Come & C» centra-se nas 5 Marcas de Missão da Comunhão Anglicana.

No âmbito deste projeto estão a ser desenvolvidos serviços celebrativos de cada uma das cinco marcas de Missão e relançado o caminho e a peregrinação para Glendalough onde estão as ruínas do antigo mosteiro fundado por St Kevin no século VI. Este caminho é considerado uma peregrinação Celta dado que incorpora a espiritualidade e a simbologia própria do Cristianismo Celta originalmente surgido na Irlanda.



Responder às necessidades humanas com serviço amoroso

Ensinar, batizar e formar novos crentes

Procurar a transformação das estruturas sociais injustas

Lutar pela salvaguarda da integridade da criação, e pelo sustento e renovação da vida na terra

Proclamar as Boas Novas do Reino de Deus





Tento viver o Natal ou a época natalícia de uma forma equilibrada. Não com a euforia de outros tempos de consumismo e falsos festejos. Já não aguardo ansiosa o nascimento físico de Jesus mas sim o nascimento em meu coração. Tento fazer uma caminhada serena para o encontro com Jesus, como disse João Baptista “ arrependei-vos e convertei-vos”. Na igreja tento estar o mais presente possível, ajudar e colaborar no que posso, honrando assim o natal durante todo o ano e não apenas durante o mês de Dezembro. À muito que o natal para mim deixou de ser as luzes e enfeites nas ruas. Em casa tento transmitir os valores que me foram ensinados. Jesus não nasce a cada 25 de Dezembro, mas sim nos nossos corações. Verdadeiramente o natal não são os presentes que recebemos., porque até não somos nós os aniversariantes, para receber tais presentes e sermos acarinhados de forma diferente.

Devemos estar dispostos a doar-nos para os outros. O natal precisa de relembrado e porque não reinventado? De um modo geral, devemo-nos centrar no que realmente importa vivendo o natal em oração tal como deve ser vivido. Custa pensar que Jesus Cristo, o filho de Deus esteve entre nós para nos salvar e mesmo assim nesta data ele é ignorado dado que pensamos apenas em consumir e gastar mais e mais. Este ano vamos fazer diferente? Sim, vamos rezar mais não apenas no dia de natal, mas temos 365 no ano para aproveitar, devemos agradecer então por Jesus Cristo ter vindo para nós. Temos assim uma oportunidade de nos preparar para vivermos este natal de forma feliz e renovada: orando.

O natal não é uma festa individual vamos festejar em família, amigos e irmãos em Cristo. Vamos fazer todos juntos um tempo de comunhão e de oração.

Desejo a todos um santo e abençoado natal.

O primeiro Natal é diário e é para sempre

José Sequeira



Nos primeiros dias de Dezembro, montávamos antes, com os nossos filhos, o presépio e enfeitávamos a árvore de Natal. Agora, fazemo-lo com os nossos netos. Quer uns, quer outros, esperavam e esperam com grande expectativa pelo Natal. É o tempo do Advento em toda a sua plenitude! É durante o Advento que os sons do Natal penetram e enchem alegremente como uma brisa fresca as nossas almas, anunciando o nascimento de Jesus. É, pois, tempo de expectativa, preparação mas, também, de vigilância e oração, pois confiamos e esperamos a vinda do Senhor.

Entretanto, nas ruas decoradas e iluminadas festivamente, a azáfama das compras continua, mas com a paz que só esta época nos dá, pois estamos mais abertos a amar, a ver o mundo de uma maneira mais nítida, e sermos, portanto, mais solidários. O nascimento de Jesus tem, de facto, o poder de transformar os nossos corações, pois é uma época em que surgem milhares de voluntários, pessoas fazendo donativos, trocando abraços e transmitindo calor humano. Que bom era se esta época se estendesse por todo o ano! Assim, talvez, tanta gente que busca Jesus e não sabe onde O encontrar pudesse fazer como os pastores que, conforme a narrativa do evangelista São Lucas, se admiraram ao ver o Recém-nascido e, logo, O adoraram; e foram, de imediato, transmitir a boa notícia: “Nasceu um Menino que é filho de Deus!”.

Jesus, tal como milhões de refugiados do nosso tempo, não teve um lar seguro, pois fuga e pobreza foram características dos seus primeiros anos. Esta é a verdade do Natal! Mas, a sua mensagem é o esplendor da glória de Deus: “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens a quem Ele quer bem” (Lc 2, 14), abrangendo, portanto, todos os homens, incluindo os magos que vieram do longínquo Oriente para O procurar e adorar. E este encontro que os magos tiveram com Jesus, fez com que eles alterassem os seus planos de regresso, conforme Deus os tinha avisado, livrando-os, assim, de um novo encontro com o seu inimigo, Herodes, como se pode ler no versículo 12 do 2.º capítulo de São Mateus. Queremos nós, também, encontrarmo-nos com Jesus, escutá-l’O e seguir o caminho que Ele nos propõe?

Chegamos, finalmente, à véspera de Natal, onde há uma grande azáfama na cozinha. Os cheiros das iguarias próprias que exalam por toda a casa, também fazem parte. Mobilizam-se cadeiras para que todos se possam sentar à mesa. Celebremos, pois, na noite de 24 e no dia 25, o nascimento singular de Jesus, Nosso Senhor, sobretudo em Igreja, participando da Eucaristia. É Natal! A própria palavra enche os nossos corações de alegria. O Natal pode ser todo o ano? O amor de Deus que Se fez um de nós naquele Natal - o primeiro Natal - esse sim, é diário e é para sempre.

Como é grande o Amor de Deus

• *Maria Graziela*



Lembro-me de muitos Natais e quase os consigo reviver, desde muito pequenina como filha e neta muito acarinhada e de como eram mágicos esses Natais!! Nunca faltava a presença da Família no culto de Natal e aqueles cânticos tão belos! e as Festas de alegre convivência com todos, grandes e pequenos, geralmente em casa dos Avós!

Depois foram-se sucedendo outros Natais em que eu já era a Mãe ...a Avó..... e agora até ,com a graça de Deus , a Bisavó! É um tempo em que eu penso e sinto mais intensamente como é grande o Amor de Deus para com os homens, pois veio Ele próprio para nos falar e ensinar, e já que o ensinamento dos Profetas nunca nos foi suficiente.....Ele veio Salvar-nos! É um tempo Alegre e especial e eu continuo a não dispensar o maravilhoso culto de Natal!

Em casa com os meus procuro que não seja esquecida a essência do Natal e cantamos Hinos, ou parte deles, e cuja letra por vezes até fotocopio para que possam acompanhar. Claro, há também a parte tradicional da ceia e depois do Almoço do Natal, dos presentes e dos sabores tradicionais como as Rabanadas da Avó que todos esperam e apreciam.

Vou ficar por aqui e desejar a todos um santo e abençoado Natal !!!

O meu Natal

Diogo Fernandes



O Natal para mim significa um tempo de união, carinho e refortalecimento do bom espírito que me é sempre, e muito bem, proporcionado por aqueles com quem eu passo, especialmente pela minha família mais próxima.

O Natal para mim não são só os dois dias que correspondem à véspera do dia 25 e ao próprio dia. Para mim o Natal começa no 1º domingo do advento e com as passagens bíblicas e reflexões que nos são proporcionadas quer pela bíblia quer por aqueles que na minha paróquia o transmitem, até ao final do dia 25, data que este ano até coincide com a quingentésima quarta vez que o dia 25 se celebra num domingo.

Em minha casa este período de Natal é vivido com grande intensidade, pois a minha mãe faz questão de, logo no dia 1 de Dezembro, enfeitar todas as divisões da habitação com presépios e outros enfeites alusivos ao Natal, para além da tradicional árvore, e colocar a uso louça, toalhas, guardanapos, etc..., tudo com símbolos relativos a esta época.

Também mantemos a tradição de enviar postais de Natal a familiares e amigos, tanto por correio, como aproveitando os meios digitais atualmente disponíveis.

Eu, felizmente, sempre fui um felizardo no que toca a ter o carinho e a disponibilidade da minha família em quererem fazer do Natal uma data bastante importante. Por muito que seja bom passar a meia-noite e receber as lembranças de cada um dos presentes e ausentes, pois nem sempre a família se encontra toda junta por causa das diferentes realidades familiares que cada casal tem, é muito mais importante para mim o conforto daquela noite junto daqueles que mais amo.

Vivo intensamente esta data de louvor pelo nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo desde que chego a casa das minhas tias, pois passo a noite de 24 numa tia e o dia 25 noutra, cumprindo um sistema rotativo anual. Logo que entro na respetiva casa vejo logo os presépios de Natal e sinto logo a harmonia familiar, além de ficar feliz com aquele mimenho que o menino que ainda existe dentro de mim precisa.

A Adoração dos Magos



Sem dúvida que a Visitação dos Magos é um dos momentos altos das descrições que nos são dadas pelos Evangelhos acerca do nascimento do Menino Jesus, neste caso em Mateus 2:1-12. Numa época de confusões dinásticas por todo o Império, onde se matava pelo trono e pelo altar, Mateus, para tranquilidade espiritual da sua comunidade Cristã de origem Judaica, avisa no capítulo 1, que o Menino que nasce é da descendência Espiritual dos Patriarcas de Israel a partir de Abraão, de descendência Real a partir de David e de Salomão, e da descendência, chamar-lhe-ia da Esperança de Israel, quando o Evangelista, fazendo as contas das gerações, menciona a deportação para a Babilónia. Neste Menino, a Esperança de Israel também volta a casa. Não há n' Ele confusões de carácter imperial, nem dinástico, nem haverá n' Ele crises de sucessão.

Faltava o Egipto. Mas quanto a isso haveria Ele mesmo de com os seus pais ter que fugir para lá num estranho movimento contrário à própria História de Israel, cujo povo saindo pela orientação de Moisés em direcção à terra Prometida, agora é visitado pela graça e pela salvação. Transportado nos braços maternos e paternos, a nova Promessa incluirá a Igreja que também os Egípcios um dia acolherão de braços abertos, e no entanto não sem tantos sofrimentos até ao dia de hoje. Nesta Fuga para o Egipto, sempre pensamos acerca de Maria transportando o Menino nos seus braços, mas não posso deixar de dizer que também me comove muito a ideia de que José, marido de Maria e pai terreno de Jesus, aqui se torna num complemento do outrora José do Egipto.

Desde muito cedo se atribuiu a realza a estes três homens misteriosos. Claramente por causa do valor dos seus presentes, o ouro, o incenso e a mirra. Quase

não vale a pena explicá-los, eles são o símbolo do Rei, do Santo e do que Sofre até à morte. O Rei é envolto em ouro, ao Santo envolve-o por todo o lado a que se dirige o suave cheiro da Santidade, e finalmente, ao Morto o envolve o suave odor da Conservação. Tenho para mim que estes presentes, não representam apenas estes símbolos, mas estes Reis entregam-se também eles mesmos e aos seus povos a si próprios. Ali, diante do Menino Jesus, os Magos oferecem as suas próprias vidas, fazem-se subitamente evangelizadores das suas terras distantes e sem nome, fazem-se embaixadores da nova vida, incluem-se no grande e eterno livro das gerações que agora já não necessita de começar em Abraão, mas que começa aqui e agora mesmo, e é escrito todos os dias e o será até ao fim dos tempos. Talvez isso se expresse na preocupação da sua desorientação quando o procuravam e depois na beleza da sua alegria quando o encontraram...quem sabe?

Cedo a tradição lhes atribuiu as cores dos povos conhecidos à época, um negro, um branco e um pálido, não lhe chamaria "amarelo" porque cairíamos na tentação da China, mas pálido, um intermédio entre o branco e o negro. Neles está presente o embrião da Missão e da Evangelização da Fé Cristã, que contra todas as adversidades, haveria de tocar todos os povos, de perto ou de longe. Não apenas os povos no sentido humano, mas todos os povos no sentido da sua geografia, da organização das suas sociedades, das suas culturas, das suas línguas e literaturas, das suas artes, ciências e tecnologias... Com esta Visita a este Menino, nada mais voltaria a ser como era, de tal forma que avisados em sonhos sobre a perversidade humana, que sempre nos há-de perseguir e tentar liquidar, eles até para voltar à sua terra, regressam por um caminho novo. Mas Mateus diz-nos que eles eram magos,

observadores das estrelas, por isso viram a estrela. As ciências astrológicas da observação do céu para sabermos mais do que aquilo que nos compete saber, cedem de uma vez por todas aqui o seu lugar à fé.

Há muito tempo que os astros concorriam para iluminar e orientar as actividades humanas. De noite navega-se sob a orientação das estrelas, de dia pela altura do Sol, que marca o ritmo das horas do dia; de noite, a misteriosa Lua marca o mistério da contagem da gravidez, das marés e até da Páscoa e que marca o ritmo das horas da noite. Mas agora não há mais destinos traçados nas estrelas, nem horóscopos dos Babilónicos, nem dos Assírios, nem do Egípcios, nem consultas para saber o futuro, porque definitivamente o futuro está aqui diante dos Magos, diante de nós, feito e construído com suavidade por Deus, nesta criança que cedo se faz Homem.



Domingos Sequeira, que nasceu em Lisboa no ano de 1768 e morreu em Roma em 1837, encontrando-se sepultado na Igreja de Santo António dos Portugueses, pintou este quadro, que poucos tinham ouvido falar antes da questão da sua compra pelo Museu Nacional de Arte Antiga, em 1828. Ultra-

passando questões biográficas e de estilo, o que aqui podemos contemplar é para mim de uma profundidade teológica extraordinária, por vários motivos. Tendo Sequeira sido bolseiro em Itália aos vinte anos, teve com certeza a oportunidade de ver mundo. Um mundo que desfilava nas ruas da cidade, nos palácios e na Academia que frequentou, e talvez esse mundo todo esteja aqui representado na visita ao Menino. Dizemos que esta obra representa a Adoração dos Magos – e foi assim que o artista lhe chamou – é para mim pouco, ou mesmo nada, porque aqui temos todo o mundo em atitude de Adoração. Reparemos nos rostos e nas suas expressões.

À esquerda encontramos representantes de povos que parecem Europeus e que são brancos, a Turcos nem brancos nem negros, talvez pálidos; do mesmo lado, em baixo, diria que estão Egípcios com as suas cabeças rapadas e apenas um pouco de cabelo no topo, e por ali escondido está um cão, ainda do mesmo lado um pouco mais atrás uma espécie de sombrinha chinesa destaca-se; esfumam-se mais acima, quatro cavaleiros, dois camelos e um elefante que arrasta um carro real de traços indianos, todos vestidos à moda das suas cortes, quer nos panejamentos, nas túnicas, nos barretes e nas toucas. À direita a Visitação continua na sua exuberância. É o lado da Africanidade. Lá está o Rei Mago Negro que traz consigo três “servos” que lhe seguram o manto vermelho e representantes do esplendor das suas cortes. Equilibrando a cena masculina, encontramos duas jovens mães, uma à esquerda iluminada pela luz, e outra de costas para nós, iluminada pela sombra, ambas parecem oferecer os seus filhos ao Menino, o da esquerda olhando para nós e o da direita olhando para o Menino Jesus. Mais perto da cena central, quatro homens, três mais velhos e um mais novo são os únicos

a ter coragem de olhar para o céu ou pelo menos para a luz que dele vem. Finalmente no centro de toda esta construção, a Virgem, o Menino, José e o Rei Mago não só branco, mas vestido de branco com uma capa da qual se destacam as suas insígnias reais e atrás dele o seu criado com uma espécie de trouxa.

Sequeira destaca pela diferença o Rei cuja capa é amarela porque o coloca prostrado e que ainda não entregou o seu presente porque é o seu criado que o traz e que ainda está um pouco retirado, ainda a caminho. Mas é fascinante a construção da obra em forma de parábola, porque o Menino, a Virgem e José estão ligeiramente deslocados, tornando-se assim mais atraentes e atractivos ao olhar e à atenção. Que eu conheça é o único quadro em que José segura na capa de Maria. Simultaneamente José olha para o presente do Rei Africano, não com um olhar de cobiça, mas de curiosidade dado que o presente está fechado numa espécie de concha. Muito mais poderíamos analisar, mas é espantosa a diversidade aqui representada. Homens, mulheres, jovens, crianças, animais, culturas, estilos de vestir, sentados, de pé, de joelhos, prostrados. Reparem nas mãos de todos, abertas, cruzadas atrás das costas e sobre o peito, estendidas, levantadas em adoração, a tapar a boca, a abrir caminho...

Os olhos abertos de espanto, de surpresa, de tranquilidade, de calma, ou cerrados em oração ou clamor, olhando à volta, para o Menino, ou olhando directamente para nós. Um único soldado, reclinado e o único com uma lança; um estendido no chão em adoração, outro vestido de branco como que esperando a Ordenação ao Santo Ministério, outros em atitude de peregrinação. Ninguém parece conversar com ninguém, no entanto parece podermos ouvir o sussurro de todas as línguas. Todos à volta do Menino, todos banhados pela mesma luz que vem do Céu e que sendo o centro da parábola se torna no centro de tudo e de todos representando a presença de Deus, e é quem equilibra todo o conjunto. É para essa Luz do Céu que olha o Menino que Maria tem nos braços.

O mais belo de tudo, e é a minha opinião exclusivamente pessoal, é que parece que todos têm alguma coisa a oferecer ao Menino, no lado direito, quase na penumbra, há mesmo um africano que não sendo Rei também ele lhe estende um presente que parece ser um colar de ouro. É a “Adoração dos Magos”, mas é adoração de toda a terra e de todos os povos e de toda a criação. É a Adoração de toda a Igreja em todas as terras, em todos os tempos e lugares. É um quadro que me/nos recorda que a obra mais formosa, a mais completa, a mais bela equilibrada e perfeita de todas, continua a ser a Incarnação de Deus em Jesus de Nazaré. Sempre digno da nossa Adoração e da nossa gratidão, sempre central, sempre luminoso, o agora Menino que um dia dirá que se não formos como crianças não entraremos no Reino dos Céus.

Desejo a todos um Santo Natal.
Vosso em Cristo

*Reverendo José Manuel Cerqueira
Membro dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga*



Novo pároco do Bom Pastor

No decorrer da celebração eucarística do III domingo do Advento, a 11 de Dezembro, e num ambiente de comunhão eclesial, realizou-se a cerimónia da colação do novo pároco da paróquia lusitana do Bom Pastor (Candal – Vila Nova de Gaia), Reverendo Sérgio Filipe de Pinho Alves. A celebração foi presidida pelo bispo diocesano D. Jorge Pina Cabral e contou com a presença de muito povo da Igreja vindo de diversas paróquias e ainda de convidados diversos.

No contexto do tempo do Advento e sustentado no Evangelho do dia, o bispo diocesano exortou os presentes a manterem vivo o sentido da esperança que provem da fé em Jesus Cristo e que nos anima a enfrentar com confiança os desafios e as oportunidades do presente. Referiu também que sob o pastoreio do novo pároco se oferece agora à comunidade do Bom Pastor um tempo novo que deve ser vivido em comunhão eclesial na sensibilidade e escuta de tudo aquilo que o Espírito Santo vai chamar a Igreja a realizar.

O Reverendo Sérgio Alves sucede ao atual Bispo diocesano no pastoreio da comunidade e é o décimo pároco do Bom Pastor na lista de ministros iniciada pelo Reverendo André Cassels no ano de 1887. O novo pároco é também responsável pela paróquia do Salvador do Mundo e exerce as funções de Arcipreste do Norte e tesoureiro da Igreja Lusitana. De referir ainda a presença de trabalhadores e utentes do Centro Social do Bom Pastor que associando-se à celebração ex-

pressaram a natural relação entre a Missão da Igreja e a do trabalho social diariamente desenvolvido. A seguir à eucaristia foi servido um Porto de Honra durante o qual se cantaram os parabéns ao novo pároco que celebrava o seu aniversário natalício.





**PRESIDENTE DA REPÚBLICA
NA CATEDRAL DA IGREJA LUSITANA**

Como expressão de gratidão e memorial da visita, D. Jorge ofereceu ao presidente o livro de liturgia da Igreja e duas medalhas em bronze, evocativas do episcopado lusitano e da sua pertença à família anglicana.



O templo do antigo convento dos Marianos, em Lisboa, foi pequeno para acolher todos os que quiseram associar-se à primeira visita de um presidente da República Portuguesa à Catedral da Igreja Lusitana, ocorrida no passado dia 19 de Dezembro. Marcelo Rebelo de Sousa chegou pontual, às quinze horas, aos portões da Catedral, na Rua das Janelas Verdes, onde foi recebido pelo bispo diocesano, D. Jorge Pina Cabral, pelo arcepreste do Sul, Rev. Fernando Santos e pelo leitor leigo Guedes Vieira. Com a sua afabilidade natural começou por assinar o livro de honra e assistiu de imediato ao serviço litúrgico da Oração da Tarde, acompanhado por hinos tradicionais alusivos ao tempo de Natal.

Numa alocução de boas-vindas o bispo lusitano saudou o presidente, agradecendo a visita, interpretada como “uma expressão de respeito e de reconhecimento por parte da primeira figura de um Estado que, sendo conceptualmente laico, reconhece o papel e a contribuição das confissões religiosas para a coesão social e a promoção dos valores de humanismo, justiça e integridade que enformam a construção da cidadania”. Lembrando que a Igreja Lusitana, sendo minoritária em Portugal, pertence a uma grande família eclesial que é a Comunhão Anglicana com 85 milhões de mem-

bro, o que tem enriquecido a compreensão da sua missão no respeito pela pluralidade das culturas que compõem essa Comunhão, D. Jorge evocou o modo como a Igreja, ao longo dos seus quase 140 anos de história, se comprometeu com a realidade social, cultural e religiosa do país, designadamente através das suas escolas primárias, trabalho de assistência social e solidário. Recordou também o modo como a Igreja tem contribuído para uma sociedade religiosamente mais plural e aberta, nomeadamente através do compromisso ecuménico no Conselho Português de Igrejas Cristãs, que se encontra também a colaborar com a Plataforma de Apoio aos Refugiados em Portugal.

A Igreja tem também estado ativamente envolvida no diálogo inter-religioso em particular no contexto do Alto Comissariado para as Migrações, o que – como recordou D. Jorge – expressa o reconhecimento, como igreja minoritária, da “riqueza própria que cada confissão ou religião contem independentemente da sua maior ou menor expressão numérica”, considerando “a presente diversidade religiosa em Portugal como uma oportunidade de trabalho conjunto na defesa dos valores que nos são comuns como a paz, a justiça, a salvaguarda da Criação de Deus e da dignidade inerente a cada pessoa”.



Neste quadro, resumiu o bispo lusitano, “as religiões não podem ser fator de desunião e muito menos berço de fundamentalismos que conduzem à violência e à destruição; (...) são por essência caminhos para Deus e não de aniquilamento e de destruição do homem e da vida”. Como expressão de gratidão e memorial da visita, a Igreja lusitana ofereceu através de dois jovens ao presidente o livro de liturgia da Igreja e duas medalhas em bronze, evocativas do episcopado lusitano e da sua pertença à família anglicana.

Adaptação, intervenção e abertura são marcas da Igreja Lusitana.

Intervindo de seguida, Marcelo Rebelo de Sousa agradeceu o acolhimento, justificou a sua presença “em espírito de celebração pré-natalícia” e destacou vários elementos do testemunho secular da Igreja Lusitana e da sua inserção na sociedade portuguesa, que sintetizou com três palavras: adaptação, intervenção e abertura. A capacidade de adaptação, segundo o presidente, marcou a Igreja desde a sua fundação no século XIX, num contexto de transformações da sociedade liberal e do aparecimento de outras correntes do cristianismo, levando a igreja a adaptar-se a novos tempos

e ideais pela criação de uma “dinâmica particular entre os seus fiéis”, pensando “em particular nos mais jovens e no futuro da comunidade”.

A propósito do sentido de intervenção, Marcelo Rebelo de Sousa enfatizou o papel social da Igreja Lusitana desde os seus primórdios, evocando o papel do benemérito e educador Diogo Cassels, as instituições de solidariedade social ou as bolsas de estudo com que se apoia a formação de crianças e jovens. Por fim, o presidente da república acentuou a “abertura perscrutadora” da Igreja ao diálogo ecuménico e inter-religioso, lembrando a recente vigília ecuménica pela paz que decorreu em Lisboa ou as reuniões da comissão ecuménica do Porto.

A propósito desta “postura de abertura e respeito pelo outro” que “faz a diferença e deve ser valorizada”, o presidente lembrou o escândalo das guerras que devastam algumas partes do mundo, como Aleppo, e o drama dos refugiados que requerem a nossa atenção, solidariedade e espírito de tolerância.

“Portugal hoje é uma pátria que tem a grande mais valia de não conhecer tensões entre diferentes comunidades religiosas no seu seio e esta realidade em termos



de coesão social é tão importante, tanto mais quanto se trata de uma realidade rara no mundo em que vivemos”, notou Marcelo Rebelo de Sousa, sublinhando o “espírito de diversidade na unidade que nos aproxima e congrega a todos” numa “visão humanista da pessoa humana na sua dignidade, direitos e deveres” aspectos para os quais tem tentado chamar a atenção no seu exercício presidencial.

Concluído o acto formal, o presidente reservou ainda algum tempo para cumprimentar muitos dos presentes que o saudavam efusivamente, não prescindindo muitos, como vem sendo habitual, de colher autógrafos e selfies com o mais alto magistrado da nação.

Marcelo Rebelo de Sousa a todos atendia com bonomia, distribuiu beijinhos e abraços e partiu para uma visita no mesmo espírito de abertura e fraternidade à sinagoga de Lisboa.

À cerimónia assistiram numerosos membros das paróquias da Igreja Lusitana, de ambos os arceprestados, elementos do clero e vários convidados institucionais. Aproveitando a sua estadia em Lisboa juntou-se ao evento o Bispo D. Almir dos Santos, bispo emérito da diocese de Brasília da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.



Igreja Lusitana
Comunhão Anglicana



**PARÓQUIA
DE
SÃO MATEUS**

Seja bem-vindo



Secretariado Juvenil inicia trabalho de Missão

Por decisão do 96º Sínodo da Igreja Lusitana (Junho de 2016) foi constituído o Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana. O novo Secretariado visa o desenvolvimento do trabalho juvenil ao nível de toda a diocese, assegurando o trabalho ecuménico e a representação da juventude lusitana a nível nacional e internacional. As áreas de intervenção do Secretariado são:

- *Evangelização de outros jovens - «Levar Cristo a outros».
- * Formação juvenil na área da Liturgia, da História da Igreja Lusitana e do Anglicanismo;
- *Promoção e discernimento de vocações juvenis para o ministério ordenado;
- *Formação para a liderança juvenil;
- * Ecumenismo;
- *Trabalho de Serviço concreto a pessoas com necessidades concretas (possível articulação com trabalho e projetos sociais ligados à Igreja);
- * Encontros a nível da diocese Lusitana para conhecimento e relação fraterna entre os jovens das diferentes paróquias;
- *Intercâmbio e cooperação com jovens da Comunhão Anglicana;

*Visita a templos e comunidades de outras religiões (Muçulmanos, Judeus ...) visando o diálogo Inter-religioso;

Por decisão da Comissão Permanente na sua reunião de Outubro de 2016 o Secretariado passou a ter a seguinte composição:

Coordenadora – Diana Melo (paróquia do Salvador do Mundo)

Secretária – Sara Saraiva (paróquia do Bom Pastor)

Tesoureiro – Diogo Fernandes (paróquia do Redentor)

Vogal – Catarina Sá Couto (paróquia de S. João Evangelista)

Numa primeira fase de organização interna o Secretariado tem-se vindo a reunir de forma a estruturar o trabalho a desenvolver. Procurando conhecer mais a realidade da Igreja, três jovens do Secretariado acompanharam já o Bispo diocesano em visita às paróquias do Arciprestado do Sul. De forma a facilitar a comunicação foi criada uma página de facebook do Secretariado que pode ser contactado também em:

Centro Diocesano

Tel. 223754018

Email: secretariadojuvenil@igreja-lusitana.org



Igreja Anglicanas da América Latina e das Caraíbas reunidas no Panamá

A Igreja Lusitana esteve representada na Reunião de Companheirismo latino-americano e caribenho, que decorreu na Cidade do Panamá de 11 a 15 de Novembro último. O encontro, patrocinado pela Trinity Church, uma importante paróquia episcopal de Nova Iorque, reuniu bispos, outros clérigos e leigos de diversas igrejas episcopais da América Latina e da região das Caraíbas, a que juntaram as dioceses anglicanas europeias de Portugal e Espanha.

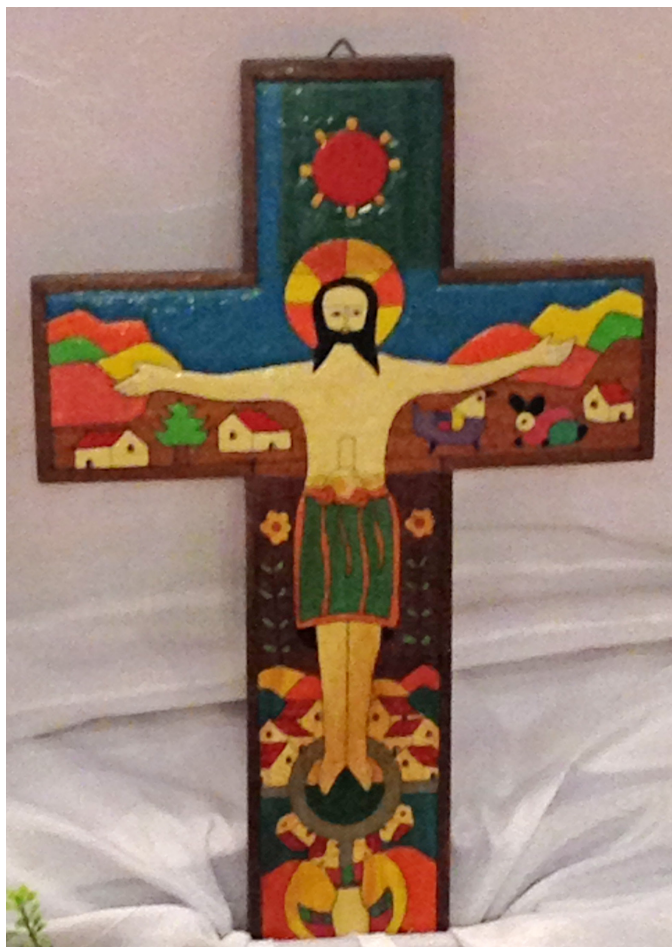
Durante cinco dias as línguas espanhola, inglesa e portuguesa conviveram num hotel da Cidade do Panamá, capital daquele país centro-americano, pela voz de seis dezenas de bispos, padres e leigos de igrejas anglicanas de Barbados, Belize, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Porto Rico e República Dominicana e Estados Unidos, estando também presentes, a convite da organização, os bispos e dois leigos da Igreja Lusitana e da Igreja Episcopal Reformada Espanhola.

O encontro visou aprofundar o conhecimento mútuo entre estas igrejas, partilhar experiências e debater estratégias de ação em cada igreja e num plano cooperativo. A identidade anglicana na região, os imperativos de missão, a posição e intervenção das igrejas em relação às migrações, aos desafios ambientais e à desigualdade económica e ainda a educação teológica e a formação para a missão, o discipulado e as lideranças locais foram os principais temas em debate.

Para além das discussão e partilha, em grupos de trabalho como em plenário, ou dos estimulantes estudos bíblicos, o encontro reforçou entre as igrejas presentes – muitas delas, como a Lusitana, minoritárias nos seus contextos nacionais e com escassez de recursos – a consciência de que fazem parte de uma grande comunhão de igrejas mundial, rica na sua diversidade e formas de proclamar o Evangelho em todos os continentes. Belo exemplo disto foram as celebrações eucarísticas diárias, traduzindo cada uma delas a liturgia, a sensibilidade e a história das diferentes regiões representadas no encontro.

O evento foi patrocinado pela Trinity Church, uma conhecida paróquia da Igreja Episcopal dos EUA, sediada em Nova Iorque, que assume como um dos seus objetivos de missão o apoio a projetos de natureza social, cultural e de ajuda a igrejas anglicanas em todo o mundo. Para além da organização, a Wall Street's Trinity, fez-se representar por vários dos seus responsáveis, incluindo o reitor, Rev. Dr. William Lupfer, que dirigiu aos participantes uma inspiradora alocução. Para além do aprofundamento de laços e conhecimento mútuo, o bispo D. Jorge Pina Cabral e o autor desta nota, que o acompanhou no evento, aproveitaram o encontro para o estabelecimento de diversos contactos bilaterais que poderão vir a desembocar em frutuosas colaborações.

A. M. Silva



Foi em 1991 que o Sínodo aprovou o Livro de Liturgia que atualmente usamos. Este ano, portanto, completam-se 25 anos sobre esta efeméride de tanta relevância para a nossa Igreja. A esse propósito apresento-vos algumas notas históricas e uma pequena reflexão sobre os valores da liturgia.

1. Nos primeiros anos da sua existência institucional, entre 1880 e 1884, a Igreja Lusitana usou o livro de 'Oração Comum' das Igrejas Anglicanas e explicava-se "que, pelo seu carácter muito escritural, pelos seus ofícios bem apropriados e pelas suas orações assaz elevadas, mereceu a nossa maior estima". Entretanto, e durante aquele período, o Sínodo da Igreja porfiava por ter um "ritual propriamente seu", pelo que constituiu uma Comissão para o preparar. Esta, em 1882, apresentou ao Sínodo o resultado do seu labor, o Livro de Oração Comum, que o mesmo aprovou e ordenou a sua impressão "para uso das congregações que façam parte da Igreja Lusitana". Mas, o Livro só foi editado em 1884, passando a ser a partir daí a liturgia oficial da Igreja Lusitana. No seu Prefácio explica-se que "além de outras liturgias antigas, foram compulsadas a Bracarense, a Mozarabe e a Romana, bem como as das Igrejas Anglicanas e outras Igrejas Reformadas, procurando sempre seguir os modelos antigos".

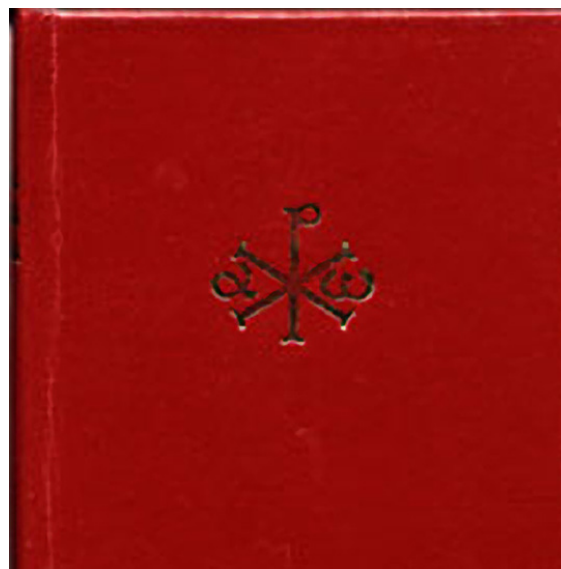
Ao ler-se com a devida atenção o referido Prefácio percebe-se quanto foi importante para a nascente Igreja Lusitana a luminosa influência da liturgia anglicana a par da tendência explícita de afirmação duma eclesiologia "independente" e "nacional". Não bastava a institucionalização da nova Igreja, era preciso dotar os seus membros de um instrumento litúrgico que lhes servisse de guia no culto público ou em família e os orientasse na leitura regular da Palavra de Deus, ou seja, os provesse com o alimento da espiritualidade. Por isso, o Livro de Oração Comum foi uma forte expressão identitária da Igreja face aos catolicismo romano e protestantismo daquele tempo. E os membros da Igreja, ao longo das gerações, confirmaram e até realçaram essa componente identitária na vivência da sua fé e espiritualidade.

Lembro-me como, no início dos anos 60, entre o povo de algumas Paróquias se discutia acaloradamente a identidade da Igreja Lusitana. Uns afirmavam-na católica, outros protestante (ou evangélica, como se dizia) esgrimindo argumentos, nem sempre pertinentes, ou até sem argumentos, baseados simplesmente na tradição. E a discussão era tamanha que numa Paróquia deu em rebelião: uma parte dos seus membros saiu para outras Igrejas evangélicas. Meses mais tarde, de forma lenta, começaram a voltar. Então, alguém com trejeitos de consciência envergonhada explicou-me: "voltámos porque sentimos falta do Livro de liturgia!". Mesmo tendo sido muito bem acolhidos nas Igrejas a que foram, passado algum tempo começaram a sentir a saudade do Livro de Oração Comum a que estavam

habituaados. Era a natural consequência da visão dos pais da Igreja Lusitana ao elaborarem um texto litúrgico para a oração comum do povo que aderira à Igreja, na tradição anglicana.

2. Porém, a liturgia, que deve respeito à tradição como expressão da catolicidade da Igreja, deve também atender ao evoluir da sociedade, com as suas dificuldades e contradições, esperanças e frustrações, "porque a oração comum da Igreja, corpo de Cristo, povo sacerdotal, foi desde sempre o modo cristão de colocar o mundo junto do Trono da Graça, mundo que ela tem por missão servir." Sucedem-se as gerações, alteram-se modos de estar e de falar, surgem novos temas de oração e espiritualidade, há novos desenvolvimentos teológicos e os desafios dos cristãos renovam-se e exigem atenção particular no culto cristão. Então, impõe-se uma particular atenção à liturgia revendo-a e adaptando-a aos novos tempos e circunstâncias com que a fé e a espiritualidade se confrontam. Ora, o Sínodo da Igreja Lusitana demonstrou estar atento a este fenómeno e ao longo dos tempos aprovou novas versões para uso experimental da Ordem da Eucaristia (em 1957 e 1969), das Ordens do Baptismo, da Confirmação, do Matrimónio e do Funeral. Para isso muito contribuiu o Bispo D. Luís Pereira, com a sua natural propensão litúrgica, o seu estudo das antigas liturgias e o seu raro conhecimento bíblico.

Quando iniciei a minha jurisdição como Bispo Diocesano, apercebi-me de que o Livro de Oração Comum de 1882 estava em revisão. Havia até uma Comissão Litúrgica, a que presidia o próprio D. Luís, que preparava um novo Livro de Oração Comum. No Sínodo de 1981, entre outras decisões da área litúrgica foi aprovada a fixação do ano de 1984 para a apresentação do trabalho de tal Comissão. Tal não aconteceu até porque D. Luís partiu para Deus nesse mesmo ano. Mas a Comissão Litúrgica continuou o seu trabalho, com mais ou menos membros, e chegou-se ao Sínodo de 1989. Sentia-se, por um lado, a espera longa por um Livro de Liturgia e, por outro, a dificuldade da Comissão Litúrgica, de 12 membros, tanto no trabalho como na oportunidade de reuniões. Então, em decorrência da discussão profunda que teve lugar, o Sínodo solicitou ao Bispo D. Daniel de



Pina Cabral a incumbência de rever os materiais já elaborados pela anterior Comissão e de apresentar um plano para a elaboração final da nova liturgia da Igreja.

Com a sua total disponibilidade e denodado esforço de trabalho D. Daniel agrega na sua missão dois leigos, Isabel Messias e seu irmão David Freire, e um clérigo, Revº Nelson Horta, que faziam parte da anterior Comissão Litúrgica, pede ao Cónego Prof. João Soares de Carvalho uma tradução especial dos Salmos para o novo livro de liturgia e apresenta ao Sínodo de 1990 um primeiro esboço do Livro de Liturgia suscitando a apreciação e crítica da Igreja. Distribuíram-se fotocópias da versão experimental e pediram-se comentários e reações ao povo das Paróquias. Na verdade, a sua recepção, em particular nas Paróquias do Norte, foi dificultada quer pelo apego de gerações ao anterior Livro de Oração Comum, quer ainda pela introdução no novo de algumas referências anglicanas, é certo, mas com que o povo da Igreja Lusitana não estava familiarizado.

Um ano mais tarde, no Sínodo de 1991, com os comentários e reações ponderados, foi aprovada a versão final do atual Livro de Liturgia da Igreja Lusitana. No seu Prefácio pode ler-se: “Este livro de Oração Comum é uma selecta de liturgias autorizadas na última década na Comunhão Anglicana. Contribuíram para ele, particularmente, o “Alternative Service Book de 1980”, da Igreja de Inglaterra, e trabalhos idênticos publicados pela Igreja da Irlanda, em 1984, e pela Igreja da Província do Sul da África, em 1989.”

Isto é, perante as nossas dificuldades, D. Daniel, interpretando a vontade do Sínodo de colocar um Livro de Liturgia nas mãos do povo da Igreja que fosse moderno, mantivesse a relação com a tradição litúrgica anglicana e em tempo razoável, optou por uma tradução das liturgias autorizadas na altura pelas Igrejas de Inglaterra e da África do Sul. Ainda, a propósito da versatilidade da utilização do Livro diz-se: “Esta liturgia apresenta-se com um grande número de rubricas de natureza meramente indicativa, tendo em vista uma flexibilidade salutar na sua execução”. E com a humildade própria de quem reconhece a natural insuficiência humana assume: “Devemos recordar, todavia, que as palavras, especialmente no campo da espiritualidade, são sempre imperfeitas e insuficientes. Só o Espírito Santo pode fazer delas instrumento da nossa santificação para glória de Deus. E a glória de Deus é o fim último do culto cristão”.

3. O Evangelho diz-nos que os discípulos pediram a Jesus que os ensinasse a orar. E o Senhor e Mestre forneceu-lhes uma fórmula de palavras que, para além de uma oração a ser usada como devoção pessoal e particular, possui uma característica coletiva: Pai Nosso. Então, aquela Oração Dominical é um ritual coletivo, de uma comunidade, uma verdadeira liturgia.

A liturgia ensina-nos a pedir e como pedir e este é um dos seus maiores valores. Nesse sentido é o instrumento pelo qual “o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém” (Rom 8,26). Ela disciplina as nossas orações, tornando-as adequadas, compreensivas e solidárias com atenção às necessidades dos outros. Além disso providencia-nos uma ordem sequencial para o culto que nos aponta a totalidade da fé cristã: confissão, louvor, intercessão e oferta pessoal.

E assim a liturgia educa-nos na nossa espiritualidade, ensina-nos a compreender a gratidão que devemos ao Senhor e a ser pacientes, tolerantes e fraternais com os nossos irmãos na fé na comunidade da Igreja. Quantas pessoas a quem assisti pastoralmente em situação de doença ou outra me referiram esta ou aquela oração, este ou aquele hino, um ou outro versículo bíblico, como riquezas profundas da sua espiritualidade, do seu modo de se sentir “com Deus”. Voltando ao Prefácio do nosso Livro de Liturgia, “A liturgia formal será autêntico culto divino quando o povo descobrir a riqueza bíblica das orações escritas da liturgia oficial e a incorporar, com verdade, nas suas próprias orações pessoais.”

Ao longo da minha relação com igrejas em que as orações só podem ser espontâneas habituei-me ao argumento contra o uso da liturgia – orações escritas – porque o seu uso é repetitivo. Na verdade, o que conta nas palavras das orações não é o serem espontâneas (proporcionadas pelo Espírito) ou escritas numa liturgia, mas se são ou não proferidas em sinceridade e verdade. E tanto de uma ou doutra maneira podem sê-lo. Voltando ao Pai Nosso, quanto repetimos as suas sentenças, de cor, com maior ou menor consciência, sem nos cansarmos delas! Tais frases, simples, compactas e reconfortantes, ocorrem-nos nos momentos mais diversos da nossa vida, em tempo de angústia ou aflição, e em todas as ocasiões de culto na igreja. Além disso, a liturgia amplia a nossa “visão” pessoal sobre a fé abrindo-a ao longo alcance da vida da Igreja. Não apenas nós nem o conjunto de pessoas da nossa comunidade, mas também as que se juntam em louvor a Deus em outras comunidades cristãs e, ainda, todas as que nos precederam na fé em todas as épocas e lugares – a comunhão dos santos.

“Assim, na festa cristã, o acontecimento do passado é comemorado e a consumação futura é antecipada. Mas a festa não é mera lembrança do evento passado, nem esperança irrealizada. Antes, é uma realidade presente nos corações dos crentes fiéis.”

+ *Fernando Soares, Bispo Emérito*

*Prefácio do Livro de Liturgia da Igreja Lusitana
Bispo Massey H. Shepherd, Jr. in “Adoração e Vida”, Igreja
Episcopal Brasileira, 1957, pág 125*

O Livro de Oração Comum em língua portuguesa

O Book of Common Prayer é um documento essencial da reforma da Igreja de Inglaterra no século XVI e tornou-se também uma marca identitária de todas as igrejas anglicanas no mundo. O seu objetivo foi o de compilar num único volume os ofícios litúrgicos principais (orações da manhã e da tarde, litania, sagrada comunhão), bem como as ordens para a celebração do batismo, confirmação, matrimónio, orações pelos doentes e serviço de funeral e ainda orações próprias para todo o ano, textos bíblicos, etc.

A primeira edição em Inglaterra data de 1549 e as edições seguintes (1552, 1559), reflectem a instabilidade das sensibilidades teológicas e litúrgicas e as tendências religiosas dos diversos monarcas do tempo. A edição de 1662 estabilizou uma liturgia que se mantém como a oficial da Igreja de Inglaterra até ao nosso século, embora naturalmente se usem hoje versões atualizadas e modernizadas na linguagem. Como património da Comunhão Anglicana e até de igrejas de outras correntes cristãs, o Livro de Oração encontra-se traduzido em mais de 150 línguas e é utilizado em mais de 50 países.

A Igreja Lusitana teve o seu primeiro Livro de Oração Comum impresso em português em 1884, com reedições em 1901 e 1928 e uma nova versão em 1991, mas conhecem-se edições em língua portuguesa muito anteriores. A mais antiga saiu dos prelos em Oxford em 1695 e intitulou-se O Livro da Oração Commum, e Administração dos Sacramentos, e outros Ritos, & Ceremonias da Igreja, conforme o Uso da Igreja de Inglaterra; juntamente com o Salterio ou Salmos de David; tratava-se de uma tradução da edição de 1662 e foi feita para ser usada na Índia, onde à data a Companhia das Índias inglesa mantinha capelanias que atendiam populações de língua portuguesa.

Outras edições, igualmente destinadas ao Oriente português e mais tarde ao Brasil surgiram em 1783 e ao longo do século XIX, constando até que uma delas – a de 1844, editada pela SPCK, a mais antiga sociedade missionária britânica – foi patrocinada por John Cassels (pai de Diogo e André Cassels) pouco depois de ter vindo para Portugal.

A. M. Silva





Comemoração histórica dos 500 anos da Reforma Protestante

A 31 de Outubro passado, Luteranos e Católicos comemoraram juntos a Reforma Protestante, abrindo o seu 500º aniversário. O evento ecuménico teve lugar na histórica catedral Luterana de Lund, na Suécia, e foi presidido pelo Papa Francisco e pelo Bispo Munib Younan, presidente da Federação Luterana Mundial. Como convidado oficial este presente o Bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral.



Foi no ano de 1517, que na cidade alemã de Wittenberg, o monge Martinho Lutero tornou pública a sua oposição à prática prevalecente da venda das indulgências. Fê-lo sustentado nas suas convicções teológicas e espirituais. Lutero nunca pretendeu iniciar uma nova Igreja, desenvolvimentos posteriores dividiram o cristianismo ocidental e espalharam o conflito e a violência, cujas consequências ainda hoje se fazem sentir. A comemoração conjunta na catedral de Lund, foi histórica, dado que ocorreu pela primeira vez e marca o progresso realizado em cinquenta anos de diálogo internacional entre Católicos e Luteranos, que tem pro-

curado passar de um passado de conflito e de divisão à reconciliação e à unidade a que a Igreja é chamada. Na sua mensagem o Papa Francisco agradeceu a maior centralidade dada pela Reforma à Sagrada Escritura na vida da Igreja referindo que só a escuta conjunta da Palavra divina nos permite avançar no caminho do diálogo.

Por sua vez, o secretário-geral da Federação Luterana Mundial, Reverendo Dr. Martin Junge, sublinhou que a graça libertadora do Batismo é um dom divino que nos chama juntos e nos une, numa jornada e caminho que se realiza num contexto de grande fragmentação e marcado pela tendência ao conflito. No desenrolar da cerimónia, que compreendeu belos e significativos momentos de ação de graças, arrependimento e de compromisso por um testemunho conjunto de serviço, foi assinada a declaração conjunta «Do Conflito à Comunhão – Juntos na Esperança» que refere que o compromisso ecuménico pela unidade da Igreja não serve apenas a Igreja mas também o mundo para que este creia.

Referindo-se à comemoração na qual participou, o Bispo da Igreja Lusitana, destacou a sua importância para o movimento ecuménico em geral dadas as novas oportunidades de diálogo e de serviço conjunto que agora se oferecem aos cristãos das diferentes confissões. Com a sua presença D. Jorge procurou evidenciar o apoio e o regozijo com este evento histórico, quer pelos laços de comunhão que a Igreja Lusitana possui com as Igrejas Luteranas da Comunhão de Porvoo, quer com os laços de companheirismo e fraternidade cristã com as restantes Igrejas Luteranas e a Igreja Católica Romana.

Laudato Si

UMA REFLEXÃO LUMINOSA

Em Outubro passado coube-me representar a Igreja Lusitana – por ausência no estrangeiro do nosso Bispo José Jorge – num encontro ecuménico de reflexão sobre a encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco. Aqui vos trago, por me parecerem apropriadas à nossa condição de cristãos empenhados numa visão holística da vida e da fé, algumas notas da leitura que fiz da Encíclica e que constituíram o cerne da minha intervenção naquele Encontro.

Publicada por altura da Festa do Pentecostes de 2015, a encíclica tem por título um excerto do “Cântico da Criatura”, de Francisco de Assis: “Laudato Si, mi Signore” – “Louvado sejas, meu Senhor”. Apela a uma ampla reflexão sobre questões tais como: “a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta”, “o valor próprio de cada criatura”, “o sentido humano da ecologia”, “a cultura do descarte”, convida a que se procurem outras maneiras de entender a economia e o progresso e apresenta uma “proposta dum novo estilo de vida”. Temas de grande atualidade centradas na questão ecológica, que afeta a humanidade no nosso tempo.

Começa, podemos dizê-lo, com uma referência ecuménica que realmente me surpreendeu. No parágrafo 7 está escrito: “não podemos ignorar que, também fora da Igreja Católica, noutras Igrejas e Comunidades cristãs – bem como noutras religiões – se tem desenvolvido uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa sobre estes temas que a todos nos estão a peito”. Não tenho qualquer indicação que algum Papa em suas encíclicas tenha referido a com tamanha clareza e humildade a “preocupação” e “reflexão valiosa” de outras “Igrejas e Comunidades cristãs – bem como noutras religiões”.

O Papa Francisco, que a todos nos tem surpreendido, mais uma vez, com tal referência, trás para o debate de assunto tão premente para a humanidade a relação ecuménica como caminho de procura da verdade e das ações necessárias à sua implementação. Ou seja, Francisco, ao olhar a natureza afirma e aceita a sua diversidade como condição do caminho para soluções e novas áreas da preocupação humana e apela à participação de todos para enfrentarmos este nosso e tão importante problema, as alterações climáticas.

Ao olhar-se para a natureza com a sobrançeria de quem lhe é exterior é-se tentado a manipulá-la e a explorá-la, como um dentre outros recursos, para o enriquecimento pessoal e material. Assim se desvirtua



Criação das águas e dos peixes (mosaico, det.) | Mark Ivan Rupnik
| Sacristia-mor da catedral de Santa Maria Real de Almedina,
Espanha | Detalhe da capa da encíclica "*Laudato si*" publicada
pela Paulinas Editora | D.R.

tudo o que na sua génese é meio de equilíbrio. Isto é, desnaturalizámo-nos, esquecemo-nos de que o ser humano é parte da própria natureza numa perspetiva de paridade e necessidade e tornamos a natureza um objeto. Ora, a Encíclica vem dizer-nos que ecologia e meio ambiente não são “coisas” externas ao ser humano, mas “coisas” de que aquele faz parte. Logo no início pode ler-se: “Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la.” e “Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7).

O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.” (parágrafo 2). Ou seja, nós e a natureza somos parte de uma globalidade, uma criação holística que une e se apresenta com expressão divina. Na perspetiva do Papa não há lugar à hegemonia do homem sobre a natureza, o chamado antropocentrismo.

Um outro muito importante aspeto a ter em conta na abordagem da questão ecológica tem a ver com a mudança. Ela, que é natural no desenvolvimento das sociedades, tem levado à deterioração do planeta (veja-se o

efeito do aquecimento global) e da qualidade de vida de grande parte da humanidade. Na verdade, o chamado paradigma tecnocrático – se é possível tecnologicamente, faça-se, e depois se verá... – e a velocidade a que tais procedimentos tecnológicos produzem são elementos de um sistema que ao invés de resolver problemas aumenta as preocupações com o bem comum.



O Papa é claro nesta Encíclica, “a tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros”. E denuncia: “Entre os componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos laborais de algumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo da energia e outros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade”.

E acrescenta: “A isto vêm juntar-se as dinâmicas dos mass-media e do mundo digital, que, quando se tornam omnipresentes, não favorecem o desenvolvimento duma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade.” Depois destas e de outras denúncias, a Encíclica enfrenta o desafio ecológico elaborando-se numa dinâmica que chega a uma conclusão: é preciso uma conversão ecológica,

uma mudança de comportamentos, uma escolha com base em motivações adequadas e uma reação com uma transformação pessoal.

A centralidade humana é, assim, realçada mas na perspectiva do serviço e não da exploração, o que faz com que o homem, em especial o crente, contemple o mundo como alguém que está dentro dele, sendo parte da criação de Deus. Neste sentido, o Papa considera que, para além das necessárias alterações em diversas áreas, “a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior”.

E propõe “linhas de espiritualidade ecológica” ao arpejo das convicções da fé cristã, “pois aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver”. Advoga a sobriedade e a humildade, baseado na espiritualidade cristã e de outras tradições religiosas, como meios de transformação do nosso entendimento sobre qualidade de vida, encorajando-nos a um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem a obsessão pelo consumo. No que respeita à sobriedade, é peremptório: “a sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora”; quanto à humildade, refere:

“O desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente”. Mas, tem clara consciência de que estas duas virtudes da espiritualidade humana são de difícil aceitação no contexto da sociedade em que vivemos, pois, adverte: “Não é fácil desenvolver uma humildade sadia e uma sobriedade feliz, se nos tornamos autónomos, se excluimos Deus da nossa vida fazendo o nosso eu ocupar o seu lugar, se pensamos ser a nossa subjetividade que determina o que é bem e o que é mal”.

Enfim, precisamos de uma conversão ecológica, não apenas pessoal, mas, também comunitária, para que se venha a criar um dinamismo de mudança duradoura no modo como olhamos e nos comportamos com a natureza.

Uma Encíclica verdadeiramente evangélica que denuncia e anuncia, que apela à reflexão e aponta caminhos, que ilumina. Assim os homens a leiam, nela pensem e a partir dela descubram a face de Deus na natureza e no olhar dos pobres e oprimidos. Que o Senhor seja louvado. Ámen.

+ *Fernando, Bispo emérito*



COMPARANDO AS NARRATIVAS DA NATIVIDADE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO Bispo Dr. Humberto Maiztegui Gonçalves*

Apesar das celebrações da “Natividade” de Nosso Senhor Jesus Cristo ter ganhado grande importância na modernidade, a narrativa da encarnação não foi, inicialmente muito enfatizada. O Evangelho, que segundo os estudiosos, teria sido escrito primeiro (Marcos), não inclui esta narrativa, assim como o último a ser escrito, João, mesmo incluindo a novidade da teologia da pré-existência de Jesus Cristo como Palavra Criadora (João 1:1-5), não diz nada sobre a família de Jesus ou sua vida em Nazaré da Galiléia.

De fato, o centro da Cristologia nos Evangelhos não é a Encarnação, mas a Cruz. A Cruz é que revela a Encarnação, é na Cruz-Ressurreição que a humanidade de Cristo é plena. Qual é então a importância da Encarnação? Para João, que não traz a narrativa da Natividade nem da Sagrada Família, esta relevância reside em mostrar a perfeita comunhão entre divindade e humanidade, em Jesus Cristo. Já nas narrativas da Natividade nos Evangelhos segundo Mateus e Lucas existe o sentido comum de contextualizar a encarnação, apresentando-a como intervenção divina na história humana. Dito em outras palavras, não basta

para Mateus e Lucas apontar para a comunhão entre humanidade e divindade, mas querem manifestar a revelação de Jesus Cristo como processo de transformação da história a partir da Natividade, onde cada história começa em continuidade com as gerações anteriores!

1. GENEALOGIAS DE JESUS: CONTINUIDADE REVELADORA!

Não há dúvida de que o primeiro Evangelho a se valer do gênero genealógico para apontar para o sentido histórico da Encarnação foi o atribuído a Mateus. Será que Lucas conhecia esta genealogia quando formulou a sua? Nunca saberemos. Ficando a questão de, até que ponto, Lucas quis propositalmente se diferenciar de Mateus ou apenas o fez buscando a ponte entre a revelação de Jesus Cristo e o mundo não judaico dos “Teófilos” (“quem ama Deus”, a quem dedica o Evangelho e Livro de Atos (Lc 1:3; Atos 1:1).

A Genealogia havia sido largamente usada em Judá para contar a história e as relações do povo de Deus

(Gênesis 5;10;11:10s). Elas ganharam força após os exílios após a queda e destruição de Samaria, capital de Reino de Israel – quando suas elites foram levadas para Nínive, capital da Assíria, em 722 a.C. – e, principalmente, quando da queda de Jerusalém e destruição do Templo, em 587 a.C. Com a diáspora do povo de Deus as genealogias foram usadas para demonstrar que o povo tinha resistido e sobrevivido, mantendo a continuidade histórica com suas origens. Agora, os Evangelhos da Natividade querem mostrar que a Encarnação de Jesus Cristo estabelece uma continuidade histórica entre o povo eleito do Antigo Testamento e o povo da Nova Aliança redimido por Sua morte e ressurreição.

A diferença entre Mateus e Lucas é que, enquanto Mateus parte de Abraão, isto é, da Aliança com o povo pobre e seminômade, depois libertado do Egito - cf. Mt 1:1 - Lucas vai até Adão, lembrando que a intenção divina era a de redimir toda a humanidade e não apenas um povo.

1.1 GENEALOGIA NO EVANGELHO SEGUNDO MATEUS: MULHERES OUSADAS E FAMÍLIAS REFUGIADAS!

Este Evangelho parte claramente de Marcos, pois dos seiscentos e sessenta e seis versículos deste evangelho, seiscentos são citados por Mateus. Assim, Mateus completa Marcos, e uma parte disso envolve a narrativa da Natividade. Esta comunidade segundo Mateus era formada, em sua maioria, por pessoas refugiadas que fugiram do massacre promovido pelo Império Romano em 70 d.C., ao reprimir a revolta judaica. Nessa ocasião o Templo de Jerusalém foi definitivamente destruído. Muitos apóstolos também morreram, pois eram judeus, entre eles pode ter estado Mateus, em cuja homenagem é escrito o Evangelho.

A comunidade de Mateus tem a ousadia de incluir mulheres na genealogia de Jesus, algo inédito! Mas não são as mulheres mais famosas. Não aparece Sara, Rebeca ou Raquel, junto a Abraão, Isaque e Jacó. Não aparece Débora, que em Juízes 5:7, recebe o título de “Mãe de Israel”. Bate-Seba a mãe de Salomão, nem sequer aparece com o nome próprio, mas, também, como “a que fora mulher de Urias”, lembrando que ficou viúva por causa da prepotência e o abuso de um Rei (1:6; cf. 2 Samuel 11 e 12).

Que mulheres são essas? São mulheres que sofreram a exclusão e a violência e a superaram. Tamar (que se disfarçou se prostituta e teve um filho com seu sogro, Judá, defendendo do direitos de ser parte do povo de Deus; cf. Gênesis 38). Raabe a prostituta que apóia a lutas das tribos pela terra prometida, também está ali. Outra destas mulheres é Rute - estrangeira e originária de outra religião - também ficou viúva e solidária a sua sogra, Noemi - outra mulher excluída que não tinha direito a nada - seduziram Boaz e conquistaram seus direitos. Assim, Maria é vista como uma destas mulheres

que vencem preconceitos, violência, exclusão, e perdem com seus atos, a continuidade do projeto de Deus!

1.2 A GENEALOGIA DE JESUS SEGUNDO LUCAS: ESPERANÇA PARA QUEM AMA DEUS!

A genealogia de Jesus apresentada no Evangelho segundo Lucas é bem tradicional, de um ponto de vista, para judeu algum botar defeito. Mas, não é colocada no início do Evangelho, mas no final da narrativa da Natividade, e mesmo após a primeira narrativa do ministério de João Batista e o Batismo de Jesus (Lc 3:23-38). Lucas é cuidadoso em sua narrativa e, certamente contou o número das gerações.

Cada versículo, após o primeiro e menos o último, contém cinco gerações, sendo quatorze, num total de 70, se somarmos o primeiro, com duas (Jesus de José, e José de Heli) e o último com quatro (Cainã de Sete, Sete de Enós, Enós de Adão, Adão de Deus), dá 76, sendo a primeira e última de Deus (Jesus e Adão), querendo reforçar a teologia paulina do “novo Adão” (I Coríntios 15:22). No entanto é incompleta, pois faltaria uma geração para o perfeito múltiplo de sete (77), essa geração são todas as pessoas filhas e filhos de Adão que abraçam a fé como teófilos.

Se compararmos os nomes masculinos de Mateus e Lucas veremos que também apresentam diferenças. Uma diferença marcante é não citar os reis descendentes de Davi, nem sequer Salomão, só retomando a linhagem real daívida com Zorobabel (responsável pela reconstrução do Templo durante o domínio persa, e com o apoio dos profetas Ageu e Zacarias). Depois ele segue uma linha independente, muito mais sacerdotal do que real. Desta forma Jesus descende de Davi, mas no sentido de adoração a Deus, não de governo monárquico. Com isso completa a tese de que toda pessoa que ame a Deus poderá ser parte da genealogia da salvação!

2. MATEUS: O SINAL PARA A HUMANIDADE ATRAVÉS DOS MAGOS DO ORIENTE.

Embora Mateus se preocupe em mostrar o povo eleito como ponto de partida (Abraão) aqui universaliza a revelação da Encarnação. Os Magos são estrangeiros, não são adoradores do Deus de Israel, mas, observando os sinais do céu (onde os povos acreditavam que moravam as divindades) percebem que há uma esperança ecumênica, pacificadora, aglutinadora de toda a humanidade. A revelação de Cristo se evidencia neste diálogo interreligioso promovido por estes homens sábios do Oriente! E o lugar é na periferia, na menor das cidades, fora dos palácios, onde chegam peregrinos e refugiados (2:1-6). No entanto, o que deveria significar esperança, é visto como ameaça pelos poderosos! Então, o texto assume um caráter profético onde é denunciada a barbárie do poder dos impérios e seus aliados (que a comunidade vivenciara quando da destruição de Jerusalém).



O paradoxo é que o Egito, outrora símbolo da opressão do povo, é agora o lugar da salvação da família de Jesus, e da esperança da humanidade! (2:13-18). Assim explicam como, Maria e José, originários de Judá, vão morar em Nazaré da Galiléia, como refugiados com o temor de serem vítimas dos descendentes de Herodes (2:19-23).

3. LUCAS: NATIVIDADE DA MÍSTICA PROFÉTICA NAS PERIFERIAS!

Lucas, definitivamente, entende a Natividade a partir da profecia! A primeira prova é que não apenas relata a Natividade de Jesus, mas a vincula a Natividade de João Batista, o último dos profetas antigos, o primeiro dos novos! (1:5-25).

Ao colocarmos lado a lado Maria de Nazaré e Isabel estamos nos referindo à mesma ênfase profética da narrativa de Lucas (1,39-55). Maria não está sozinha, ela tem Isabel, unindo-as na experiência puramente feminina da gravidez. Poderíamos dizer que há uma revelação intra-inter-corporis de onde emerge a profecia no Magnificat. Como separar a revelação anunciada por Maria, grávida e profetiza, do diálogo com a outra profetiza grávida, Isabel?

Esta perspectiva da revelação das mulheres grávidas, em especial Maria de Nazaré, contrasta com a que é frequentemente apresentada. Maria de Nazaré

é representada como modelo de vida “caseira”, no espaço restrito da casa; à sombra do varão. Mas esta imagem começa a ser questionada quando vemos a revelação em Maria de forma profética, e co-gestora.

No diálogo entre Maria de Nazaré e Isabel observamos que a causa de toda alegria é a vinda de Jesus, o amor de Deus feito carne no mundo. A narrativa informa que não só Maria foi “fecundada pelo Espírito Santo”, mas que também “Isabel ficou repleta do Espírito Santo” (Lc 1: 40). As palavras de Isabel ao proclamar Maria “bendita entre as mulheres” são a reação espontânea de uma alma religiosa diante das manifestações da graça e do poder de Deus.

As palavras de louvor a Maria ditas por Isabel, acrescentadas às do anjo, foram repetidas por milhões e milhões de cristãos de todas as idades, nações, línguas e culturas ao longo dos séculos na oração do “Ave-Maria”. Mas, após a saudação, emerge o profetismo que proclama a presença divina na história humana revertendo as relações de poder (1:51-53).

De novo continua com a narrativa de João Batista, mesclando literalmente o sentido dos ministérios do profeta e do salvador e suas mães corajosas, onde Isabel mostra ser portadora da revelação do ministério de João Batista, contra o poder patriarcal do seu marido Zacarias (1:57-80). Se em Mateus, a Sagrada Família é

de refugiados, aqui é de migrantes, mas quem provoca isso é, de novo, o Império Romano (2:1-21). Todo o relato se concentra nas periferias, por onde andam e chegam as famílias migrantes. Lá os pastores representam uma categoria desprezada, mas que, como diz a profecia de Maria, é privilegiada com a visão da Glória de Deus. Os poderosos nem ficam sabendo deste evento. É Deus entrando pela porta dos fundos do sistema de poder. No canto dos anjos, “Glória a Deus nas alturas e paz na terra para as pessoas de boa vontade”, se entende que a “boa vontade” é a atitude humilde que tem a capacidade e sensibilidade de ver Deus entre migrantes, peregrinos, pessoas das periferias do mundo.

4.A VOCAÇÃO DE MARIA, PONTO DE ENCONTRO

As duas narrativas têm partes exatamente iguais. A primeira é que Maria era noiva de José. No entanto, Lucas a apresenta logo como “virgem”, e Mateus não. Mateus logo adianta que era ficaria grávida pela ação do Espírito Santo, mas Lucas mantém o suspense do que acontecerá (Mateus 1:18 e 1:27). Em ambos há a participação de um anjo, sendo que em Lucas o anjo fala diretamente a Maria, em Mateus aparece a José em sonho (Mt 1:20 e Lc 1:28).

A comunidade de Mateus, mais condicionada pelo contexto da lei judaica se preocupa com a situação de Maria, que poderia “legalmente” ser abandonada. Por isso apela para o fato de José ser “justo”, isto é, fiel a Deus, ao ponto de distinguir a vontade divina do texto frio da lei (v. 19 e 20). Assim, Deus age além da lei, como antes o fez com as mulheres da genealogia, e convida os homens “justos”, a reconhecer isto. Concluindo com a citação do profeta Isaías:

Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, E chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, Que traduzido é: Deus conosco.

Mateus 1:23

Quem somos nós? Somos as pessoas com a ousadia e coragem de Maria e de todas aquelas mulheres que venceram obstáculos. Somos as famílias refugiadas fugindo da violência e dos genocídios. Somos os peregrinos que vem de longe buscando a esperança para a humanidade!

Nas comunidades de maioria gentílica, onde Lucas pesquisa, não existe a preocupação legal. Deus envia Maria encontrar sua prima Isabel, que vivia uma situação semelhante. Assim continua com o plano narrativo de vincular a natividade à profecia, Jesus com João, Maria com Isabel. Do diálogo entre as mães é que nasce o Cântico profético de Maria, que, por sua vez, cita a profecia de Ana, mãe de Samuel (I Sm 2:1-10).

Mas outra expressão comum em ambas as narrativas, muito importante na revelação bíblica, é “não tenhas medo” (Mateus 1:20 e Lucas 1:30). O medo é o que impede ir enfrente no projeto transformador de Deus

(Gênesis 15:22; Êxodo 20:20; Jeremias 42:11, João 6:20, Apocalipse 1:17). Mas, no Evangelho segundo Mateus aparece, em 7 (10:26,28,31;14:27;17:7;28:5,10), e 10 vezes em Lucas (1:13,30;2:10;5,10;8:50;12:4,7,32; 18:2,4). Sendo que em Marcos o número é de duas ocorrências e em João de uma só! A Natividade está ligada à superação do medo que impede abraçar o desafiador projeto deste Deus que interfere na história!

5.NOVAS COMUNIDADES NARRANDO A NATIVIDADE!

A Natividade foi representada durante séculos como o nascimento de um rei poderoso, rodeado de ouro. O primeiro a ver essa contradição e buscar aproximar a sua narrativa da narrativa evangélica foi São Francisco de Assis, que fez o presépio pobre que hoje prevalece nas representações da Natividade. Mas, assim era a visão de Francisco de Assis, no século 12, e hoje?

Certamente ao ler este artigo você foi ligando as narrativas com situações contemporâneas, algumas muito próximas da sua comunidade. Como, então, poderíamos narrar a Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo? Como deveríamos celebrar sua revelação na liturgia? Como podemos proclamar sua revelação na vida de pessoas que buscam esperança e fé diante de situações angustiantes? Como podemos nos converter a este Senhor que chega frágil, superando barreiras, e não ter medo?

Das respostas que sejam dadas a estas e outras perguntas que surgem da leitura e releitura das narrativas da Natividade, dependerá nossa capacidade de reconhecer a presença viva do Senhor Crucificado e Ressuscitado entre nós. Feliz e abençoado Natal!

** Bispo Anglicano da Diocese Meridional
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*

Como abrirei a fonte do leite,
para ti que és a origem e termo de todas as coisas?

E como te darei alimento, a ti que nutres tudo?

Ou como tocarei os panos que te envolvem,
Tu que te revestiste de esplendor?

Filho do homem não és, para que eu te cante
louvores à moda habitual.

*Soliloquio de Maria segundo S. Éfrem
(Teólogo e poeta Sírio do século IV)*

